

viver.

reportagem cultural

A cartografia das artes visuais no Rio Grande do Sul

Mapeamento vai identificar o perfil socioeconômico de agentes culturais do Estado, buscando criar novas e melhores políticas públicas para o setor

Priscila Pasko, especial para o JC

Um mapeamento serve para traçar contornos geográficos de uma região, ou reunir um conjunto de informações. Mapas comunicam. Indicam os caminhos que podem ser percorridos e o que será encontrado no percurso; eles guiam e auxiliam na localização, emprestam uma noção do espaço, indicam direções.

Ao encontro desta proposta, um mapeamento está sendo elaborado para as Artes Visuais do Rio Grande do Sul, com o intuito de rastrear, sobretudo, o perfil socioeconômico de agentes culturais - que não se restringem apenas aos artistas. A iniciativa é do Colegiado de Artes Visuais, uma das instâncias pactuantes e assessoras do Sistema Estadual de Cultura do Estado. O material coletado servirá para a instrução de políticas públicas culturais, que devem se apoiar nestes dados e nas estatísticas produzidas. Interessa saber nesta investi-

gação quem são os produtores das artes visuais, quantos são, qual o seu perfil ou ainda onde atuam.

A proposta do mapeamento conta com uma previsão legal, a qual determina que um dos instrumentos de gestão seja composto por sistemas de informação, mapeamento e banco de dados. O colegiado pretende, no decorrer do tempo, destacar a importância de pesquisas sobre o campo das artes visuais no Rio Grande do Sul, sobre as instituições públicas e privadas e sobre a natureza das cadeias produtivas do segmento.

Coordenador do Colegiado Setorial de Artes Visuais, Guilherme Mautone diz que o mapeamento não é um capricho da classe, mas uma política pública. “Agora surgiu um momento peculiar para a gente, pois nos interessa mapear o que aconteceu durante o período pandêmico e como os agentes culturais e as artes visuais estão agora.” A pesquisa pretende contemplar o período

entre 2020 e 2023.

O papel do mapeamento como instrução de políticas públicas é o de desempenhar uma análise fidedigna das condições sociais, culturais e artísticas. Para Mautone, que também é Doutor em Filosofia (Ufrgs), pesquisador e crítico de arte, é importante saber como o Rio Grande do Sul está organizando as práticas culturais, qual é a situação dos artistas, curadores, críticos, montadores, arte-mediadores, arte-educadores, entre outros agentes.

Falar em uma tradição de coleta de indicadores culturais no Brasil talvez ainda não seja o mais adequado. O professor de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), com atuação no núcleo de Economia da Cultura, Stefano Florissi, diz que apenas recentemente a cultura e a criatividade começaram a ser levadas “realmente a sério na economia, particularmente em nosso País.” Mas o cenário está mudando.

Segundo Florissi, somente através de dados é possível embasar políticas culturais, tanto no sentido estratégico - de atingir os pontos que mais demandam ação - como no caso do dinheiro público, ao contar com boas justificativas de uso de recursos escassos de maneira específica.

Outro fator importante é acrescentado pelo professor. “Da mesma maneira que uma pessoa precisa se conhecer para se apreciar e se aprimorar, o setor cultural precisa conhecer a si mesmo, para perceber a sua importância, desenvolver amor-próprio e perceber sua relevância econômica e social”. Para ele, estes estudos colaboram da mesma forma para que os agentes culturais se sintam parte de uma construção de sociedade para além do abstrato, de uma forma concreta e que só os indicadores podem mostrar. Trata-se de um exercício que desenvolve a autoestima e intensifica o próprio processo de criação quantitativo e qualitativo da cultura, acrescenta Florissi.

Construindo caminhos

Wagner Mello é artista - com produção voltada para desenho, colagem e pesquisa em fotografia a partir dos acervos de família - e educador social. Tem 43 anos, nasceu e mora em Porto Alegre. É artista “em tempo integral”, e atua em diversos projetos. Ele vem participando de exposições em espaços institucionais, como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs), a Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), o

Centro de Cultura Ordovás, o Cité Internationale Des Arts, além de integrar a coleção pública do Margs.

Desde 2019, Mello compartilha um ateliê com a artista Mitti Mendonça. Em 2021 os dois abriram o Figa de Guiné, um espaço autônomo de arte voltado não apenas as suas respectivas produções individuais, mas que também dialoga com outros artistas. O lugar também oferece cursos e ofici-

nas e comercialização de obras de arte dos dois e as de parceiros.

O artista diz ter se inscrito em muitos editais e de nunca obter alcance (“infelizmente, os entraves foram sempre maiores que as possibilidades de acesso”). Com o tempo, Mello percebeu que precisava entender sobre projetos e, desde um período anterior à pandemia, tem procurado saber sobre processos burocráticos e necessários

para a viabilização dos mesmos. “É importantíssimo que esse mapeamento (das artes visuais no RS) possa abranger a pluralidade da produção artística do Estado, para que as políticas de incentivo que venham a ser criadas possam, de fato, dar conta de uma produção que extrapola a academia, mas que coexiste e amplia o diálogo.”

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Um circo que é um livro

Em 1981, o Departamento de Informação e Documentação Artísticas da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo lançou, na sua coleção *Pesquisa*, um excelente texto sobre *Circo, Espetáculo de periferia*, produção coordenada por Maria Thereza Vargas. O livro é um extraordinário documento sobre o cotidiano e as características dos circos paulistas. Nesta última semana, para minha alegria, que reparto com o leitor, foi-me enviado o livro *Circo Navegador 25 anos*, de autoria de Alexandre Mate, a respeito deste grupo circense do litoral paulista que, como indica a obra, está completando um quarto de século. O volume, mais do que a história e o levantamento detalhado dos espetáculos encenados pelo grupo, traz um extraordinário material teórico e de debate sobre a arte circense, em geral, e sobre os grupos circenses brasileiros, em particular. Trata-se, neste sentido, de uma obra valiosa - há poucos trabalhos a respeito do tema - e de alta qualidade, justamente porque reúne, à questão historiográfica e documental, a prática reflexiva e teórica, ainda mais rara.

O Circo Navegador, como entende o autor do texto, é um "coletivo que se insere no imenso coro formado pelo sujeito histórico que institui/constitui o teatro de grupo brasileiro" (p. 21), criado por Luciano Draetta, mais Alejo Linares (argentino) e Andréia de Almeida, tendo tido a participação, em seus primeiros anos, de Fernando Mastroella, hoje já não mais integrante da troupe.

O grupo se coloca na linha do que denomina de "circo novo", compreendendo a representação dramática mais tradicional, o circo, propriamente dito, a dança e as formas filmadas como cinema, televisão e vídeo. Eu diria que, além disso - e o livro é a exemplificação prática do que defendo - o grupo hoje também trabalha com as redes sociais e a tecnologia digital de ponta, bastando se observar que várias das páginas da obra são complementadas, em suas margens, por QR Codes que contém vídeos com entrevistas ou documentários a respeito do grupo e de suas encenações. Ou seja, o conjunto une a tradição circense, devidamente renova-

da, com a vanguarda das linguagens mais refinadas e de mais longo alcance da atualidade.

Boa parte da atividade do Circo Navegador foi possibilitada pela aprovação, em 2002, de uma lei municipal que criou o Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo e que, através de editais, apoia as atividades artísticas deste segmento, incluindo o circo.

O Circo Navegador, assim, faz parte de um conjunto de iniciativas de grupos de artes cênicas os mais diversos, cujo número chega a quase quinhentos (!), produzindo e explorando linguagens dramáticas as mais diversas que, ao lado de preocupação estética, junta o compromisso social. Assim tais agrupamentos se identificam enquanto "seres estéticos, individual ou coletivamente, ligados às artes da representação ou artes da cena, [que] nascem por meio de trocas relacionais: seres que existem em completude, por meio de processos de coligação, chamados espetáculos" (p. 30).

No caso específico do Circo Navegador, temos um "trânsito híbrido por diversos procedimentos e sempre articulados, que unem a comicidade e o conceito de corpo expandido, decorrente, sobretudo, das necessidades de manifestação 'elasticizante' das acrobacias circenses e de movimentos de expressividade da palhaçaria articulada à beleza da dança" (p. 32), já que, para Luciano Draetta, "a poesia e a transgressão devem andar juntas para a criação das obras, sobretudo, de palhaçaria" (p. 34).

Draetta é considerado o "pãe" (simbiose entre pai e mãe) do grupo (p. 39), mas na verdade todas as criações do conjunto resultam de um trabalho eminentemente coletivo, mesmo quando, naquele dramático período de pandemia e segregação, o grupo teve de trabalhar à distância.

Em síntese, de 1997, quando estrearam *Hoje tem marmelada*, a 2003, com *Boa noite*, os integrantes do Circo Navegador têm vivido uma emocionante aventura criativa, de que todos somos devedores, independente de termos ou não assistido a seus trabalhos. Até porque, agora, com o livro, podemos nos colocar em dia.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Homenagem e lembranças

Assim como existem, espalhados pelo mundo, festivais de cinema, não sendo necessário lembrar aos cinéfilos os mais conhecidos, há, como é sabido, mostras de pintura, promoções destinadas a divulgar o movimento editorial e os dedicados à música. Um deles, e dos mais antigos, é o BBC Proms, realizado anualmente em Londres e do qual participam orquestras, instrumentistas e cantores de todo o mundo. Os seus organizadores são atentos a todo o universo cultural nos mais diversos países. Vale lembrar que, para assinalar o centenário da morte de Heitor Villa-Lobos, sua noite de encerramento foi dedicada àquele compositor brasileiro, com a execução do *Choro Número 10*. O palco das apresentações é o Royal Albert Hall, que foi o cenário no qual Hitchcock realizou uma antológica sequência de *O homem que sabia demais*, na segunda versão, aquela interpretada por Doris Day e James Stewart. A noite de encerramento é uma festa transmitida pela TV para todo o Reino Unido. O festival londrino dura cerca de 40 dias e sua homenagem a Villa-Lobos pode ser vista no Youtube. O encerramento é tão concorrido que telões são localizados em várias cidades para que pessoas confraternizem e assistam também nas ruas peças da música britânica e, como no caso de Villa-Lobos, de compositores de outras nacionalidades. Algo que merece destaque numa coluna dedicada ao cinema é que neste ano, mais precisamente no dia 11 de agosto, algo inédito acontecerá: o Festival vai homenagear Stanley Kubrick. Naquela noite, a orquestra regida por Edward Gardner interpretará um programa intitulado *Uma odisseia no espaço*, integrado por obras utilizadas por aquele cineasta em seu maior filme.

Kubrick era um apaixonado por música e quase sempre soube revelar ao público a essência de muitas peças, como, por exemplo, na cena que parece retirada de uma página de Engels, na *Dialética da natureza*: a descoberta e a transformação da mão em arma poderosa. Em tal cena ele utiliza a abertura do poema sinfônico *Assim falou Zaratustra*, de Richard Strauss. Assim como utilizou *O Danúbio azul*, de

Johann Strauss, filho, para reforçar a ideia da eterna transformação através do símbolo do rio como a passagem do tempo e o azul referente ao universo contemplado pelo ser humano. A valsa está ausente do programa, mas serão interpretadas, além do poema sinfônico, cuja abertura é utilizada no início do filme, na já mencionada cena da grande descoberta e também no final, duas obras do húngaro György Ligeti: o *Requiem* e *Lux Aeterna*. O canal da BBC no Youtube provavelmente transmitirá o concerto. Peças de compositores como Ennio Morricone e John Williams já foram interpretadas por orquestras regidas pelos autores em várias cidades, mas esta é a primeira vez que um festival de música homenageia um diretor de cinema, através de peças por ele escolhidas para um filme.

Um outro acontecimento curioso em relação a encontros entre música e cinema é o de Bernard Hermann, que foi um grande parceiro de Hitchcock e que aparece regendo a orquestra na célebre cena de *O homem que sabia demais*, na interceptação da cantata *Nuvens de tempestade*, de Arthur Benjamin. Hermann também foi colaborador de Orson Welles, outro melômano, em *Cidadão Kane*. O diretor pediu a Hermann que utilizasse uma ária de ópera que iniciasse um ato, para uma cena do filme que começa com a cortina sendo erguida. Hermann disse a Welles que tal cena não existia e resolveu escrever ele próprio uma ária. Em tal momento do filme a ária de uma ópera fictícia, chamada *Salambo*, era "assassinada" pela esposa do protagonista. Quando a ária chega ao fim apenas o marido, o poderoso Kane, aplaude a desastrosa interpretação. A curiosidade aqui é que a ária escrita por Hermann décadas depois foi gravada por Kiri Te Kanawa, uma das intérpretes do Don Giovanni dirigido por Joseph Losey, a partir da ópera de Mozart. O nome da cantora fará certamente com que os admiradores do gênero procurem, através dos diversos caminhos hoje possíveis, a versão correta da peça de Hermann, escrita para uma cena de um dos maiores filmes da história do Cinema.

fique ligado

Abrindo as portas da emoção

Marisa Monte volta ao palco do Araújo Vianna (avenida Osvaldo Aranha, 685) com a tour do seu mais novo álbum, *Porta*. A cantora também apresenta sucessos como *Ainda Bem*, *Beija eu* e *Depois*. Os shows acontecem na sexta-feira e sábado, sempre

às 21h. Ingressos no Sympla, a partir de R\$ 190,00.

Além das canções do novo álbum, o repertório destaca os momentos importantes da carreira de mais de três décadas da cantora e compositora. No palco, Marisa é acompanhada por Dadi

(baixo, violões e piano), Davi Moraes (guitarra), Pupillo (bateria), Pretinho da Serrinha (percussão e cavaquinho), Chico Brown (violões e piano), Antonio Neves (arranjo dos metais e trombone), Eduardo Santana (trompete) e Oswaldo Lessa (saxofone e flauta).

LEO AVERSA/DIVULGAÇÃO/JC



Apresentações em Porto Alegre serão na sexta-feira e sábado e trarão canções de novo álbum da artista, *Porta*

Reflexão musical sobre a vida e a natureza

A artista Jéssica Nucci apresenta o show *Teto Verde* no projeto Ecarta Musical. Em versos e melodias autorais, traz em 14 músicas uma reflexão poética sobre a natureza humana, a busca da conexão com a terra e o sentido da vida a partir da natureza. O show acontece neste sábado, às 18h, na Fundação Ecarta (João Pessoa, 943). A entrada é franca, e o show será transmitido pelo YouTube

da Fundação.

Além de cantar, Jéssica Nucci vai tocar tambor, ukelele, violão e viola caipira, acompanhada pelo parceiro Vicente Guindani na voz e violão. De formação autodidata, a artista tem a voz como seu principal instrumento. Compositora desde a adolescência, em 2015 co-fundou a banda porto-alegrense Expresso Livre, que lançou dois álbuns.

Bia Ferreira em voz e violão

Neste sábado, a cantora e compositora Bia Ferreira faz show intimista com voz e violão no Agulha (rua Conselheiro Carmargo, 300). No repertório, canções de seu novo álbum, *Faminta*, e clássicos de sua carreira. A apresentação acontece a partir das 21h e os ingressos estão à venda na plataforma Sympla, a partir de R\$ 35,00.

Cantora, compositora e multi-instrumentista, Bia Ferreira passeia por ritmos afrodispóricos

como o soul, o R&B e o rap, mesclados a referências da música brasileira como o samba e o repente, em um arte que busca mexer com a mente e o corpo das pessoas. Compositora reconhecida por letras contundentes, faz uso do conceito de "escrivência" de Conceição Evaristo para facilitar a compreensão de temas como necropolítica, cotas raciais, antirracismo, a luta pelos direitos das mulheres e da população LGBTQIA+.

Programação voltada ao clarinete na Ospa

A Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa) apresenta *Clarinete Virtuoso*, concerto que fecha, no sábado, uma programação inteiramente voltada ao clarinete. Os convidados da apresentação, que faz parte da programação do II Festival Internacional de Clarinetistas de Porto Alegre, são o clarinetista português Sérgio Pires e a regente inglesa Catherine Larsen-Maguire. O concerto será às 17h, na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501), com ingressos a partir de R\$ 10,00 à venda no Sympla.

À frente da Ospa, Sérgio Pires interpretará *Concertino para Clarinete, Op. 26*, de Carl Maria von Weber, e *Introduction, Theme and Variations*, de Gioachino Rossini. O programa do concerto também inclui a abertura da ópera *Oberon*, de Weber, e *Romeu e Julieta*, de Sergei Prokofiev.

Antes da apresentação, às 16h, Max Uriarte conduz a palestra do projeto Notas de Concerto.

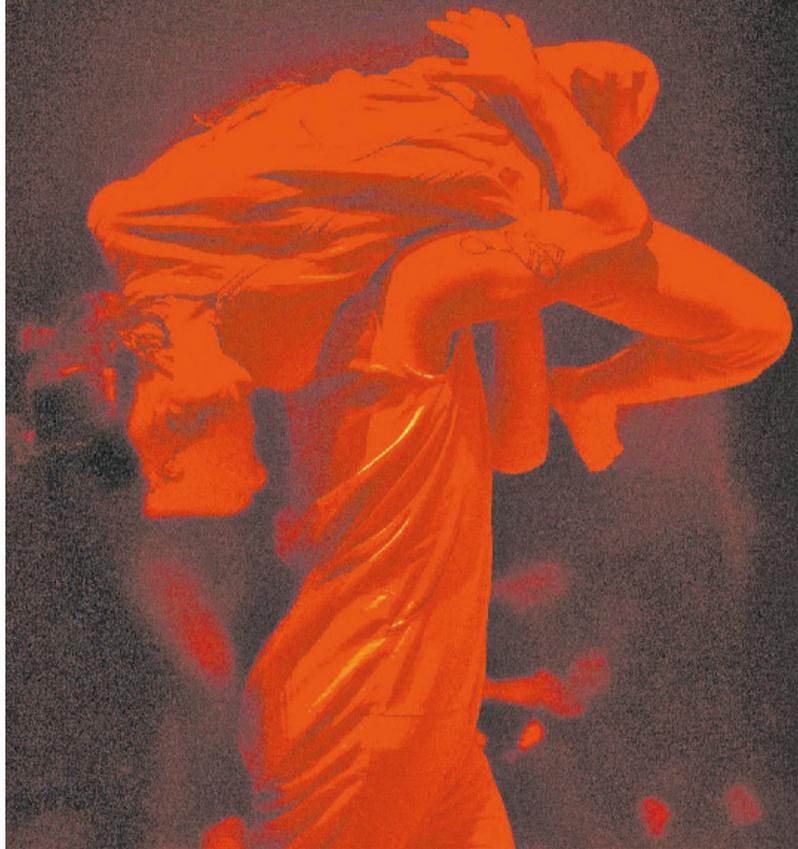
Agenda

- Espetáculo Cuco para bebês e familiares na Sala Cecy Frank da CCMQ (Andradas, 736). Sábado e domingo, às 15h e 17h, ingressos no EntreAtoS.
- O Butiá comemora 10 anos com show do Marmota Jazz no domingo, Dia das Mães, às 16h45min. R\$ 90,00, com R\$ 50,00 de consumação, reservas em www.obutia.com.
- Dudu Sperb, Fernando Sessé, Antonio Flores e Nico Bueno no show *Elas por Elas* no Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22). Sexta-feira, 21h, R\$ 40,00 no local.
- Espetáculo de dança *Uma Peña Flamenca* na Zona Cultural (Alberto Bins, 900). Sábado, 20h, a partir de R\$ 40,00 no site EntreAtoS.
- Espaço Cuidado Que Mancha (rua Damasco, 162) recebe evento *Elas por Elas - mulheres artistas no palco*. Sexta-feira, a partir das 19h30min, R\$ 20,00 na opção solidária (1 kg de alimento não perecível).
- Festival Caos Autoral, com bandas Matéria Plástica, Eletroacordes e Calabouço do Androide, no Caos Bar (João Alfredo, 701). R\$ 10,00, no local.
- Trio Rooftime é atração no Quintal Lounge (João Moreira Maciel, 9.260) neste domingo, com abertura da casa às 16h. Ingressos no site da Best Party.
- Restaurante Aora Cucina (Av. Pátria, 272) inaugura o Aora Piano Bar, com Jorginho do Trompete tocando bossa nova, jazz e MPB. Sábado, 20h30min, reservas em (51) 99119-9387.
- Paola Kirst e Grupo Kiai apresentam show *Iberê Musicalizado* na área externa da Fundação Iberê (Padre Cacique, 2.000). Domingo, 17h, gratuito.
- Monólogo *Por Enquanto, R.Russo*, com Luis Carlos Pretto, no Teatro Nilton Filho (Grão Pará, 179) neste sábado, às 20h. A partir de R\$ 25,00, no Sympla.
- InQuarteto traz jazz e música brasileira no Café Fon Fon neste sábado, 21h. R\$ 40,00 no local.
- Estreia da peça *F*didos e Mal Pagos*, da Cia. Espaço em Branco, na Casa D (Santa Terezinha, 711). Sextas-feiras e sábados de maio, sempre às 20h. R\$ 30,00 no local.

reportagem cultural

DEISE HAUENSTEIN/DIVULGAÇÃO/JC

Direções, metodologias e análises



Levantamento em torno das artes visuais do Estado será dividida em comitês

Priscila Pasko, especial para o JC *

O Mapeamento Setorial das Artes Visuais do Rio Grande do Sul será desenvolvido em cinco etapas, que estão distribuídas entre três comitês: o articulador, coordenado por Cristina Arns; o científico, sob o comando de Guilherme Mautone, ao lado de outros professores-pesquisadores das universidades gaúchas que contam com cursos de Artes Visuais em suas grades curriculares; e o comitê técnico, que ainda não definiu a coordenação.

Entre 2021 e 2022, foi realizado o primeiro movimento de articulação, no qual Cristina Arns contactou pesquisadores das universidades para compor o comitê científico, encarregado de construir as bases teóricas que delimitarão o mapeamento. Entre as universidades que deverão compor os comitês, estão a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), a Universidade Federal do Rio Grande (Furg), a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), a Feevale, Universidade de Caxias do Sul (Ucs) e a Universidade de Passo Fundo (UPF). Nesta primeira fase, também foi feita a montagem da minuta, a articulação com pesquisadores, agentes culturais, órgãos do governo do Estado, instituições e o convite para que os interessados participassem dos debates nas plenárias do colegiado.

A partir de agora, parte-se para a segunda etapa: a forma-

tação do projeto na qual será apresentada a base teórica. A metodologia escolhida deve ser híbrida, ou seja, o uso da análise documental daqueles que já disputaram editais do Estado e das leis emergenciais, e pesquisa com entrevista.

Assim que os instrumentos de pesquisa estiverem prontos, Cristina inicia a aproximação com espaços de formação, de pesquisa, de exposição e comercialização. “A gente pretende chegar nos agentes individuais, não apenas nos artistas. Temos curadores, historiadores de arte, críticos. Não se trata de um catálogo de artistas”, enfatiza ela. O objetivo é localizar e saber quais tipos de práticas visuais ocorrem em todas as regiões do RS. O que será questionado nos formulários ainda está em discussão. Contudo, a própria comunidade pode se dirigir ao colegiado para sugerir. “Cada agente, no local em que se encontra, sabe das dificuldades e das decisões que foi obrigado a tomar em vista da realidade local.”

Na terceira etapa, a construção de testagem que está por ser definida será desenvolvida entre o primeiro e o segundo semestre. A quarta etapa envolve a coleta e compilação dos dados, culminando em um relatório estatístico. Por sua vez, na quinta etapa será feita uma análise destes resultados e as proposições que formularão indicadores, ou seja, um olhar sobre a realidade para dar início a ações de curto, médio e longo prazo.

O mapeamento pretende levantar dados de atuação profis-

sional de agentes individuais e institucionais nas nove regiões funcionais do RS. Para a professora e pesquisadora do Departamento de Artes Visuais da Ufrgs e integrante do Comitê Científico do mapeamento, Bruna Fetter, a partir disso será possível compreender melhor as aproximações e as diferenças entre as diferentes localidades. Bruna acredita que é preciso estar atento para aquilo que o mapeamento excluirá. “As lacunas das diferentes regiões nos contarão muito sobre o que deverá receber investimento: se em capacitação, estrutura institucional ou apoio por meio de editais.”

Como professora, Bruna enxerga no mapeamento possibilidades de colher importantes informações. “Isso permite, principalmente aos estudantes de artes e jovens artistas, vislumbrarem perspectivas de inserção e atuação profissionais variadas”, o que garantiria, conforme aponta a professora, subsistência e remuneração para além da representação por uma galeria, configurando diferentes possibilidades em suas trajetórias profissionais.

O Mapeamento Setorial das Artes Visuais que está sendo elaborado pode deixar um modelo a ser implementado pelas gestões futuras. É a intenção de Mautone. “Seria positivo que essa estrutura criada pelo colegiado com a sociedade civil pudesse ser repetido, replicado”. Não é a primeira pesquisa, pondera Mautone, mas é a que vai tentar contemplar informações em um aspecto mais amplo.

Estudos para potencializar as artes

Outras pesquisas ou tentativas de mapeamento já foram realizadas. Em 2022, o cientista político e pesquisador Tarson Núñez realizou um estudo sobre as cadeias produtivas das artes visuais. A iniciativa resultou em uma Nota Técnica publicada em novembro do ano passado pelo Departamento de Economia e Estatística. Neste estudo, ele buscou analisar os dados estatísticos disponíveis sobre as artes visuais, além de apresentar uma análise estrutural das relações do mundo das artes visuais com a economia. A nota pode ser acessada no site da Secretaria do Planejamento.

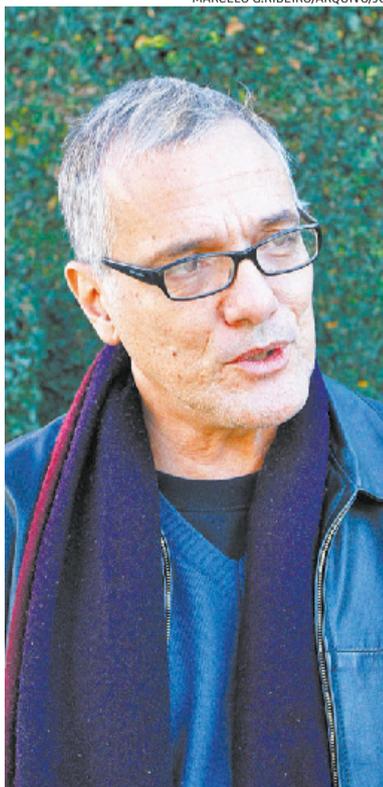
Para o cientista político, conhecer a realidade e ter à disposição bancos de dados estruturados sobre cada um dos setores da cultura é fundamental para pensar políticas públicas para o segmento. Por isso Núñez destaca o papel da esfera pública e das universidades. Porque a formulação de pro-

postas que sirvam para potencializar o papel econômico dos setores culturais depende do conhecimento que se tem dos agentes da cultura, quais são as suas necessidades e potencialidades.

No período em que a Historiadora da Arte Mel Ferrari assumiu a gestão como coordenadora do Colegiado Setorial de Artes Visuais do Rio Grande do Sul (2019-2021), uma das metas era a criação do Plano Setorial das Artes Visuais. No entanto, quando as discussões sobre a temática iniciaram percebeu-se que não existiam dados sobre o setor. “Como construir políticas públicas sem entender quem são esses agentes, onde eles se localizam e quais suas formas de trabalho?”, indaga Mel. Então um mapeamento online do setor foi implementado.

A metodologia foi discutida nas reuniões do pleno do colegiado e um formulário foi lançado para que pessoas atuantes nas

MARCELO G. RIBEIRO/ARQUIVO/JC



Tarson Núñez realizou estudo sobre cadeias produtivas das artes visuais

artes visuais do RS respondessem. Mel conta que o grupo imaginava que através das redes do colegiado seria possível atingir um grande número de pessoas, mas dois fatores comprovaram o contrário. “O primeiro é entender que o Estado é grande, e sem a ajuda de instituições locais não chegaríamos a todos profissionais do setor. Nossa rede ampliou nos últimos anos, mas precisamos ainda de mais engajamento e divulgação”.

O segundo problema foi a pandemia. O formulário, na época, circulava junto a pesquisas sobre a Lei Aldir Blanc, o que causava certa confusão no público. Assim, a gestão decidiu encerrar o mapeamento enquanto a pandemia estivesse em vigor. O número de adesão foi de 374 respostas.

A baixa participação preocupou, pois não foi identificado se tratava-se de falta de divulgação ou de uma percepção de que o mapeamento não era sobre si (‘eu

não sou artista, pois essa não é a minha atuação principal, então não vou responder’). Apesar de a quantidade de respostas não ser significativa, Mel destaca, por exemplo, que, em relação ao Perfil do profissional de Artes visuais, foi identificada uma falta de representatividade, visto que 90% das pessoas que responderam são brancas e 98% são cisgênero. Quanto à escolaridade, 76% possuem graduação completa.

Mel descobriu recentemente que o assunto do mapeamento é antigo. Ela, que está trabalhando para o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS) e o Instituto Estadual de Artes Visuais (IEAVI), se deparou com um panfleto do ano de 2006. O material já indicava que o mapeamento era uma das prioridades daquela gestão. “Infelizmente ele nunca foi consolidado, mesmo sendo uma das instâncias do Sistema Nacional de Cultura”.

A importância dos agentes da cadeia produtiva

ANTONIO MAINIERI/DIVULGAÇÃO/JC

Além das dificuldades já mencionadas em tentativas anteriores de mapeamentos, há uma peculiar; o fato de muitos participantes não se considerarem artistas ou profissionais da cultura por exercerem outra atividade como a principal.

A historiadora da arte Mel Ferrari conta que, quando as pessoas foram indagadas sobre as atividades que exerciam, 90% das respostas marcavam mais de uma categoria, sendo as mais mencionadas: artista visual, professor/arte educador, pesquisador e estudante. “Os profissionais das artes visuais precisam recorrer a diversas áreas de atuação para seguir na área, nunca foi fácil, e é por essa razão que precisamos de dados para criar políticas públicas que fortaleçam o setor.”

Para a coordenadora do Comitê de Articulação Cristina Arns, existe ainda o mito do criador individual. Há negligência ou descaso sobre a importância dos outros agentes que fazem parte da cadeia produtiva ou dos sistemas de arte. “Não se cria apenas aquilo que se exhibe ou se comercializa. Cria-se, também, um modo de apresentação, experiências, eventos e condições de pesquisa e formação continuada”, explica Cristina, reforçando

que o mapeamento não pretende abarcar apenas artistas.

Esse parece ser mesmo um grande nó que parte da ideia de quem é identificado como artista, comenta Wagner Mello. Essa lógica limita a atuação, como se o artista fosse aquele que se mantém unicamente da profissão, reflete o educador social (“como se vivêssemos em um país que torna isto de fato possível”). Ele aponta a falta de incentivo por parte do Estado, além de todo o contexto que aniquila a autoestima dos artistas, de modo geral, e sobretudo dos que atuam a partir de uma existência atravessada pelo recorte social e de raça. “A autoestima dos artistas pretos e periféricos é atravessada por esse viés, e quando trazemos a questão do gênero é ainda mais difícil, basta analisar a visibilidade e o alcance da produção das artistas negras no sistema das artes.”

De certa forma, o mesmo foi identificado no mapeamento da dança, elaborado em 2020, outra única iniciativa de mapeamento ao lado das artes visuais. Syl Rodrigues tem 35 anos, é bailarina, pesquisadora das danças afro-diaspóricas e graduanda do curso de Licenciatura em Dança, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Atualmen-

te ela é professora de dança no Centro da Juventude, no bairro Cruzeiro, em Porto Alegre, e em Viamão. Além disso, é responsável pelo núcleo de Dança do conteúdo extracurricular em uma escola particular. Syl comenta que se mantém financeiramente porque ministra aulas, caso contrário, se fosse apenas bailarina, não conseguiria viver exclusivamente desta renda para pagar aluguel, alimentação e atender as necessidades que dois filhos adolescentes exigem.

Mesmo cursando uma graduação na área e contando com uma vivência em dança desde os 12 anos de idade, Syl percebe uma lacuna no desenvolvimento dos profissionais, principalmente no que se refere ao empreendedorismo e à organização financeira. Para ela, a falta de conhecimento do cenário da dança provoca lacunas, sobretudo para os profissionais pretos. “Percebo uma grande distância em relação a editais e políticas públicas ao enxergar a dança como área de conhecimento e de potência cultural”, aponta. Segundo a professora, perceber-se como parte da sociedade faz com que profissional da dança se sintam capacitado, como pessoa física, a acessar os editais disponíveis.



Falta de incentivo prejudica autoestima dos artistas, afirma Wagner Mello

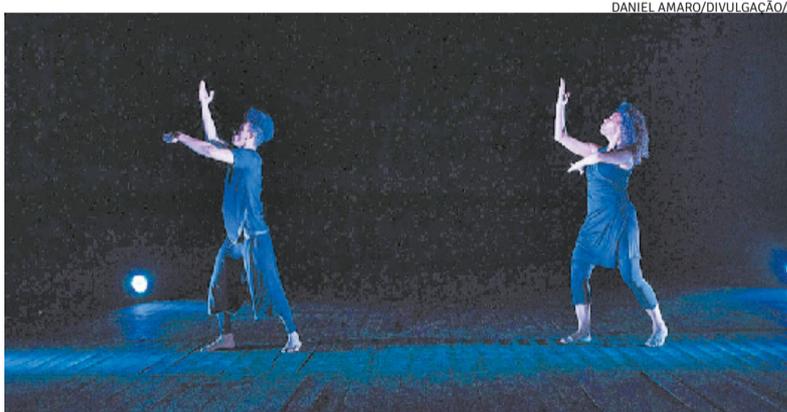
Reconhecer-se como categoria

No mesmo ano em que a pandemia foi anunciada, as discussões sobre o mapeamento da dança no Rio Grande do Sul começaram. A pesquisa era prevista, já que há anos ela constava no plano da dança do Estado e ainda não havia sido realizada. Em 2020, portanto, ocorre a criação do questionário, da plataforma e a definição da metodologia de pesquisa pelo Colegiado Setorial de Dança. A coleta de dados se deu em 2021. A análise dos dados coletados ainda está sendo feita. A coordenadora do mapeamento e professora da Universidade Federal de Pelotas, Maria Falkembach comenta que o estudo se mostra importante para que a categoria se reconheça como grupo, saiba quem é além de percepções meramente intuitivas.

A professora comenta que uma das tantas informações relevantes do mapeamento indica que a maioria daqueles que tra-

balham com dança se divide em outras atividades ou profissão. “Essa questão é muito importante para se pensar em editais que levem em conta a participação de pessoas que não vivam exclusivamente da dança. O problema é que, na área, a gente não trabalha só com isso justamente porque a renda da dança é muito baixa”.

Janaína Ferrari tem 33 anos, é dançarina, coreógrafa e professora. É licenciada em dança desde 2017, mas sua trajetória na área iniciou em 2008 na cena das danças urbanas. Ela comenta que, antes da pandemia, até o início de 2020, sempre contou com outros trabalhos, para além daquele que realizava com a dança, para complementar a renda. No meio da pandemia retornou para a cidade natal, Gravataí, onde pode focar no trabalho de professora e criadora junto ao Coletivo Grupelho, o qual faz parte. “Alguns editais emergenciais e



Mapeamento da dança no Rio Grande do Sul está em andamento desde 2020

auxílios para artistas me ajudaram muito, além da redução de custos de vida fora da Capital”.

A dançarina é vencedora do Prêmio Açorianos de Dança 2022 como Melhor Intérprete por *Ilha* (foto de capa), do Coletivo Grupelho, onde atua também como diretora e criadora. Janaína também é vencedora do Prêmio Açorianos de Dança 2019 de Direção em *Tiger Balm // Experimento Cênico* (foto

que abre a página 4).

Atualmente Janaína consegue viver do seu trabalho artístico como professora de dança e por trabalhos maiores que surgem juntamente do Coletivo Grupelho, trabalhos esses muito mais direcionados ao campo das artes visuais. “Sinto que sempre encontro dificuldades no campo dos editais. Por serem poucos, por muitas vezes exigirem trajetória específica ou

trajetórias muito longas”, reclama. Ela acredita que o maior obstáculo seja o número pequeno de editais que atendam categorias diversas das artes, que contemplem montagem de novos trabalhos e pesquisa e deem chance para quem tem trajetória mais curta.

Tarson Núñez, que também está fazendo a análise dos dados do mapeamento da dança, conta que as universidades tiveram um papel fundamental. Foi possível mapear profissionais da dança em todo o Estado, em um processo de busca ativa que mobilizou a categoria. O resultado, conta Núñez, foi uma amostra de mais de 1.700 questionários que apresentou um quadro, indicando quem são os profissionais da dança, onde trabalham, quanto ganham, que tipo de atividade realizam. Atualmente os pesquisadores que coordenaram o mapeamento preparam uma publicação onde serão feitas análises e reflexões acerca dos dados obtidos.



Priscila Ferraz Pasko (1983 - Porto Alegre) é escritora, jornalista freelancer na área cultural e graduanda em Bacharelado em História da Arte (Ufrgs). É autora dos livros *Solo rachado por dentro* (Figura de Linguagem, prelo) e *Como se mata uma ilha* (Zouk, 2019) - Prêmio Açorianos 2020 na categoria conto. Também integra a coletânea *Novas contistas da literatura brasileira* (Zouk, 2018).

nas telas



PANDA FILMES/DIVULGAÇÃO/JC

Documentário Olha Pra Elas retrata realidade de mulheres encarceradas

Ser mãe dentro de uma prisão

Coproduzido pela Panda Filmes e Falange Produções, o documentário *Olha pra Elas* estreia nos cinemas neste final de semana. O longa-metragem é assinado pelos mesmos realizadores do premiado *Central - o poder das facções no maior presídio do Brasil* (2017), que revelou as entranhas do Presídio Central de Porto Alegre. Dessa vez, a diretora Tatiana Sager e os roteiristas

Renato Dornelles e Luca Alverdi expõem o universo feminino atrás das grades. Rodado em seis unidades prisionais femininas do Rio Grande do Sul e de São Paulo, o filme apresenta o cotidiano de mulheres que, em comum, têm de ser mães e viver longe dos filhos. Prisões precárias, abandono e desestruturação dos lares são os principais problemas enfrentados pelas apenadas.

Violenta jornada de cancelamento

Protagonizado por Paulo Miklos e Thaíde, *O Homem Cordial*, de Iberê Carvalho, chega aos cinemas neste final de semana. No longa, Aurélio é vocalista de uma famosa banda de rock que fez muito sucesso até o final dos anos 1990. Na noite de retorno de sua banda aos palcos, viraliza na internet um vídeo que o envolve na morte de

um policial militar. Ninguém sabe o que de fato aconteceu, mas o astro passa a ser alvo de grupos radicais, em uma tensa e violenta jornada pelas ruas de São Paulo. Durante uma única noite, encontrará figuras importantes de sua carreira e Helena, uma jovem jornalista determinada a descobrir o que realmente aconteceu.

Uma suburbana dos EUA na máfia italiana

Para os apreciadores de comédia, *Mafia Mamma - De repente criminosa* é uma das opções que chegam às salas de Porto Alegre. Kristin (Toni Collette) é uma mulher americana suburbana que enfrenta uma série de desafios familiares, incluindo uma traição do marido. É quando ela recebe um telefonema: seu avô distante, Giuseppe Balba-

no, está morto e ela deve comparecer ao funeral na Itália. A viagem gratuita parece até agradável, mas, quando o funeral se transforma em um tiroteio sangrento, ela finalmente descobre a verdade: Giuseppe Balbano era o chefe da mais feroz família da máfia na Calábria, e Kristin está lá para ser a nova chefe.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Finalidade da Lei Rouanet	O uso tradicional do traje preto no Brasil		Médica catarinense que criou a Pastoral da Criança	Escritor russo de "Noites Brancas"	"A (?) da Água": ganhou o Oscar de Melhor Filme de 2018
	Período inaugurado no final do século XX	Peneira (bras.)			
Como se apresenta cada farricoco da Procissão do Fogaréu, em Goiás (GO)					
Estação afiliada de rede de televisão					
Reação como a fotossíntese (Biol.)		(?) McKellen, ator (Cin.) Bandeira	Item do cheque (pl.) Mau, em inglês		
		Tirânico			Dispositivo essencial ao pouso de aviões
				Castelo de (?), postal de Marselha	Ecoa; retumba Motivos ornamentais da arte islâmica
Separada em partes Apontam criticando Gordo, em inglês Garotas bonitas			Vieira; travessa Vida (?): a off-line		
			Reformar Medo de ser enterado vivo		
				Centro estético Iguaria recheada	
O ambiente do Chico Bento (HQ)				Embarcação para curtas distâncias	O mais usual dos pronomes relativos
			Produto do trabalho do cineasta		
Engenhos de moer grãos					"(?) babai", expressão indiana
				Respiração com espasmos (Patol.)	(?) Bull Racing, escuderia da F1
		Pedido de plateias entusiasmadas		Equívoco Clube inglês de futebol	
Otávio Augusto, imperador romano		"As (?)", comédia de Aristófanes		Número de identificação de revistas	

BANCO — fat. 4/issn. 5/leeds. 6/calque. 8/atafonas. 9/tafotoba. 10/anabolismo. 25

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel | /editoracoquetel | @coquetel

ASSINE AGORA!
www.coquetel.com.br

Solução

S	E	L	I	V	V	O
O	R	E	S	B	R	S
C	V	T	S	O	T	O
E	S	S	A	N	A	T
E	U	B	C	A	I	E
B	P	K	L	V	R	R
V	S	S	V	A	T	O
V	A	N	O	R	E	F
L	A	V	E	L	A	N
F	I	V	D	I	V	D
O	V	V	A	B	V	N
S	O	V	T	O	T	O
O	M	S	L	O	B	V
V	A	R	O	D	I	E
O	D	O	Z	U	P	E
F	F	L	L	I	I	

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

- Áries:** Facilidade de lida nos negócios e para colocar uma nova ordem em sua rotina. As atividades intelectuais podem se desenvolver de modo especial daqui para frente.
- Touro:** Bons aspectos estimulam a expressão afetiva. Você se comunica bem com aqueles por quem nutre um sentimento especial. Os negócios podem deslançar.
- Gêmeos:** Um dia decisivo para você se tornar uma pessoa renovada. É preciso mostrar a que veio, afirmar as qualidades que pretende ter como sua face principal.

- Câncer:** Agradáveis relacionamentos, entre amigos, novos conhecidos e aqueles que lhe acompanham. Algumas pessoas lhe fascinam e você deseja aproximar-se delas.
- Leão:** Sua sensibilidade afetiva leva você a uma participação mais atuante com amigos e pessoas queridas. É tempo de se unir às pessoas, de ser parte de um grupo.
- Virgem:** As relações humanas estão beneficiadas. E as relações de trabalho estão em momento muito fértil. Defina as metas que quer atingir com essas pessoas.

- Libra:** O bom aspecto da amorosa Vênus, sua regente, com o móbil Mercúrio, espelha as boas relações sociais deste dia. As pessoas honram e admiram algo em você.
- Escorpião:** O entendimento quanto ao futuro favorece o relacionamento a dois. Momento de ir fundo no convívio na relação de vocês, confiando em um clima de harmonia.
- Sagitário:** Um dia positivo para o amor, em especial para as relações em que a concordância de ideias seja o fator central. É tempo de construir junto com seus parceiros.

- Capricórnio:** Momento especial para a afeição amorosa: tudo se encaixa de modo agradável. No trabalho, é hora de estar com as pessoas certas para suas atividades.
- Aquário:** Disposição voltada para o conforto. Um bom ambiente faz com que se sinta especialmente bem. Dia decisivo para a expressão de sentimentos amorosos.
- Peixes:** Afeição pela família e pela pessoa amada está em alta. Momento para se entregar às boas conversas e aos pontos de afinidade com as pessoas que lhe são queridas.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Guia para sucesso nos negócios e no âmbito pessoal

Negócios Recodificados (DVS Editora, 496 páginas, R\$ 75,20, tradução de Leonardo Abramowicz), do celebrado líder global Peter Fisk, autor de *best-sellers* e palestrante inspirador, é um novo código para o sucesso no ambiente de trabalho e no mercado de amanhã. Fisk deseja que os leitores tenham a coragem de criar um futuro melhor para eles e para as suas empresas, de olho nas muitas, velozes e dramáticas mudanças que nos apresenta.

Fisk comanda a GeniusWorks, uma aceleradora de negócios estratégicos sediada em Londres, dando consultoria para equipes executivas se desenvolverem e crescerem. Fisk é professor de liderança, estratégia e inovação no IE Business School de Madri, diretor global da Thinker50 e fundador do European Business Forum.

É sabido que as mudanças, em nível global, têm sido abrangentes e contínuas e que os

líderes enfrentam um turbilhão de transformações: crescimento estagnado, futuro incerto, crise ambiental, desconfiança social, clientes exigentes e empreendedores inovadores. As empresas lutam para sobreviver e os líderes estão sob pressão, à procura de novos caminhos. Os velhos códigos não funcionam mais. Reinventar mercados, reimaginar seu negócio, estimular os colaboradores e buscar lucro com propósito e uso de tecnologias inteligentes, com criatividade e impacto sustentável é o que propõe o autor para a sobrevivência no mundo atual.

O livro apresenta sete mudanças sísmicas que conduzem a um futuro empresarial mais sintonizado e revela 49 códigos que definem um novo DNA para as organizações e seus líderes. A obra mergulha com profundidade nas mentes de grandes empresários da atualidade como Anne Wojcicki e Jeff Bezos, Satya Nadekka e Emily Weiss



e traz lições de grandes corporações como Alibaba, Amazon, Babylon e BlackRock, Patagona e PingAn, Spotify e Supercell.

Fisk defende que as organizações devem desenvolver seus próprios códigos e concretizar o futuro potencial, o progresso e o sucesso nos negócios, e estimula os leitores a serem corajosos.

e palavras

GRANDES REVOLUÇÕES

Desde que o mundo é mundo, a luta pela participação política contra a submissão econômica e a proclamação de direitos fundamentais alimentou ideias revolucionárias e fez nascer ideias democráticas e busca pela liberdade de ação, associação, expressão e pensamento dos seres humanos. Notadamente depois do nascimento da democracia, com a libertação de Atenas no ano de 510 a.C na pátria da democracia, as pessoas seguiram mundo afora a buscar novas formas de convívio social e político. Na velha ágora, o grande cenário da vida pública ateniense, entre edifícios públicos, tribunas, postos comerciais e pórticos, os atenienses fechavam negócios comerciais ou debatiam filosofia e política.

Na velha Roma, a luta de grupos sociais durante o século V a.C. provocou a criação de um sistema político original que se baseava em dois sistemas de cargos paralelos: de um lado as magistraturas públicas, de outro, os tribunais. Essa dualidade entre o povo e as grandes famílias romanas refletiu-se na expressão *Senatus Populusque Romanus*, que corresponde à famosa sigla SPQR e que significa o senado e o povo romano.

Na Idade Média, as revoltas dos camponeses ao longo dos séculos XIV e XV, em vários países da Europa, trouxeram muitas transformações e, após a trajetória de Lutero, entre 1641 e 1649, os ingleses se manifestaram contra o Rei Carlos I e surgiu a primeira revolução moderna. No final do século XVIII, nos

Estados Unidos foi eleito o primeiro presidente e, na França, se deu a Revolução Francesa.

Nos séculos posteriores, em países como a Espanha e a Itália, movimentos sociais e políticos ocorreram, fazendo surgir regimes e repúblicas. Como sabemos, no início do século XX houve a Revolução Russa e a Primeira Guerra Mundial e, entre 1939-1945 a Segunda Guerra Mundial sacudiu o planeta. O pós-guerra foi marcado por reconstruções e logo depois, entre 1947-1991, vivemos as trepidantes décadas da Guerra Fria, com os blocos oriental e ocidental em conflito em meio a tensões geopolíticas, corrida espacial, rivalidades, comparações e mudanças de rumos.

Terminada a Guerra Fria com a dissolução da União Soviética em 1991, muitos acreditaram que os EUA tinham vencido a disputa e que tínhamos chegado ao "Fim da história", título, aliás, do famoso livro best-seller de Francis Fukuyama. Ocorre que surgiu a China como rival dos Estados Unidos e protagonista do cenário mundial, mostrando que os americanos não estavam sozinhos no domínio do planeta.

Com a globalização e a rápida e impactante evolução dos meios de comunicação, o cenário mundial tornou-se ainda mais complexo e as relações entre cidadãos, nações e continentes adquiriram feições e contornos diferentes. Debates sobre nacionalismos, globalização, diversidade, rumos da democracia e questões climáticas passaram a figurar nas agendas diárias do mundo.

a propósito

Este rápido retrospecto histórico mostra, acima de tudo, que os seres humanos sempre buscaram e buscam a vida, a liberdade, a democracia e a possibilidade de convívio social e mundo melhores. Há, claro, avanços e retrocessos e, embora tenhamos evoluído muito na ciência, na economia e na tecnologia, não evoluímos muito

em questões humanitárias, espirituais e na busca da paz. As lições da história universal mostram que a censura, a tentativa de dominação geral de uma população e a imposição de totalitarismos não conseguem conter os humanos, que sempre buscaram e buscarão liberdade, criatividade, igualdade e fraternidade. **(Jaime Cimenti)**

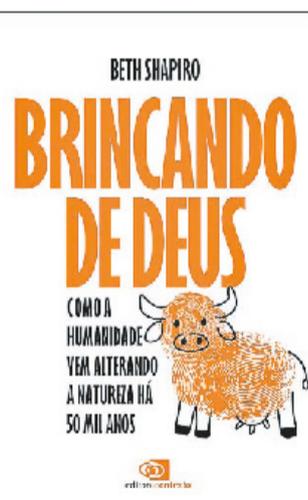
Lançamentos



► **Um tempo melhor pra se viver – A trajetória histórica do trabalho brasileiro** (Gramma Editora, 1.187 páginas, R\$ 150,00), de Wendel Pinheiro resgata a narrativa sobre o trabalho brasileiro no campo da História Política, abordando desde as experiências precursoras do trabalho no RS e RJ e a era Vargas (1930-1945).



► **Onze portas para a escuridão** (Editora Intrínseca, 286 páginas, R\$ 34,90), da britânica C.J. Tudor, autora do best-seller *O Homem de Giz*, é a primeira coletânea de contos da romancista e mostra as facetas mais perversas e criativas de sua escrita, com fendas no espaço-tempo, crianças macabras e apocalipses.



► **Brincando de Deus - Como a humanidade vem alterando a natureza há 50 mil anos** (Editora Contexto, 352 páginas, R\$ 79,00), da bióloga Beth Shapiro, relata o antes e o depois do advento das tecnologias de engenharia genética, que muitos veem como um momento decisivo de manipulação da natureza.

pensando cultura

“Quando morrer, posso imaginar as palavras de carinho de quem me detesta. Algumas rádios tocarão minhas músicas sem cobrar jabá. Fãs, esses sinceros, empunharão meus discos e entoarão *Ovelha Negra*, as TVs já devem ter na manga um resumo da minha trajetória. Nas redes virtuais, alguns dirão: ‘Ué, pensei que a véia já tivesse morrido.’”

O trecho, parte da autobiografia de Rita Lee, ilustra bem a personalidade da cantora e compositora, que faleceu no começo da semana, aos 75 anos. O livro relata, sempre direto e reto, tanto passagens divertidas, a exemplo das travessuras na infância e na adolescência, quanto trágicas, como o abuso de álcool e drogas e o estupro que sofreu aos seis anos por um técnico que foi a sua casa consertar uma máquina.

A experiência artística não começou muito bem, como relata Laura Mattos para a Folhapress. Quando Rita tinha entre seis e sete anos, a conceituada pianista Magdalena Tagliaferro lhe deu aulas de piano em troca de um tratamento que fez com seu pai, Charles, dentista de origem americana. Em uma audição, a menina ficou tão nervosa que fez xixi no banquinho do piano. A professora a aconselhou a não seguir na música porque ela tinha medo de palco. Rita não seguiu o conselho e, na adolescência, participou de diferentes conjuntos, cantando e tentando tocar instrumentos, até chegar ao quarteto de meninas Teenage Singers.

A brincadeira ficou mais séria quando elas conheceram, em um festival no teatro João Caetano, em 1964, os meninos do Wooden Faces, do qual fazia parte Arnaldo Batista, que já se destacava no baixo. Aproximaram-se, Rita e Arnaldo, com 16 anos. Iniciaram um namoro e, com o tempo, as bandas se uniram.

Do entra e sai de integrantes, ficaram seis, entre eles os namorados e Sérgio, irmão caçula de Arnaldo, guitarrista, que aos 13 anos abandonou a escola para se dedicar à música. Tornaram-se o Six Sided Rockers. Em 1966, gravaram um compacto, com novo nome, O’Seis. Depois viraram três, com Rita Lee, principal vocalista e percussionista, e os irmãos Arnaldo Batista no vocal, no teclado e no baixo, e Sérgio Dias no vocal e na guitarra. Passaram a ser Os Bruxos e se tornaram banda fixa no programa *O Pequeno Mundo de Ronnie Von*, da Record. O apresentador, fã do livro *O Império dos Mutantes*, sugeriu que se tornassem Os Mutantes.

Além de um rock sem a ingenuidade do iê-iê-iê da Jovem Guarda, o grupo chamou a atenção pelos figurinos e pela performance no palco, e nisso a liderança era de Rita. Depois de um vestido curto e

A trajetória de Rita Lee, estrela maior do rock brasileiro



Cantora e compositora exerceu a liberdade artística como bandeira maior, revolucionando a música brasileira

de um coração vermelho desenhado com batom na bochecha, no Festival de Música Popular Brasileira da Record de 1967, ela subiu o tom em 1968. No 3º Festival Internacional da Canção, o FIC, em que Os Mutantes acompanharam Caetano Veloso em *É Proibido Proibir*, Rita se apresentou com um vestido de noiva emprestado da atriz Leila Diniz, que havia usado o figurino em uma novela. O evento ficou marcado pelo discurso de Caetano contra a reação da plateia, que vaiava e arremessava ovos, tomates, latas e garrafas nos artistas. “Vocês não estão entendendo nada. Se vocês em política forem como são em estética,

estamos feitos”, esbravejou.

Rita adorou. Não tinha paciência com jovens de esquerda que só aplaudiam músicas de protesto, com letras e arranjos óbvios, e não entendiam o quão transgressor podia ser a mistura da canção popular brasileira com o pop internacional em meio a experimentações sonoras. Essa foi a base da tropicália, movimento artístico liderado por Gil e Caetano, do qual Os Mutantes fizeram parte. No LP *Tropicália*, de 1968, a banda participou de três faixas, entre elas *Panis Et Circensis*, com o provocativo refrão “Essas pessoas na sala de jantar/ Estão ocupadas em nascer e morrer”.

Rita e os irmãos Batista investiram em composições próprias e lançaram em 1968 o primeiro LP. Até 1972, quando Rita sairia do grupo, seriam mais quatro, um por ano, emplacando hits como *Top Top*, *Balada do Louco*, *Vida de Cachorro* e *Ando Meio Desligado*.

Mais do que farra, para o trio, assim como para muitos músicos da época, as drogas eram um caminho artístico de expansão mental. O descontrole, contudo, logo apresentaria a conta para os jovens. Ao longo da vida, a cantora iria enfrentar um entra e sai de internações por abuso de álcool e drogas.

Casamento e banda viveram

idas e vindas, até que ambos acabaram para Rita quando ela foi expulsa dos Mutantes em 1972, episódio do qual guardou muita mágoa. Da raiva e da depressão, emergiu a ânsia de provar que, apesar de “o clube do Bolinha dizer que, para fazer rock, era preciso ter colhão, também dava para fazer com útero, ovários e sem sotaque feminista clichê”. Em 1975, o disco *Fruto Proibido*, da Tutti Frutti, marcou uma ruptura na música brasileira. Com capa cor-de-rosa e canções com temática feminina, mostrou que era, sim, coisa de mulher *Esse Tal de Roquenrou*, um dos sucessos do LP.

A quebra de fronteiras entre ritmos e influências, com a qual Rita já flertava antes mesmo da tropicália, tornou-se central na consolidação de sua carreira a partir do encontro com Roberto de Carvalho. Com ele, como escreveu na autobiografia, seu “rockinho radical virou rockarnaval, tango, bossa, pop, bolero e tal”. Após o nascimento do primeiro dos três filhos do casal, Rita deixou os Tutti Frutti e iniciou com o marido a terceira fase de sua carreira, que seria a mais bem-sucedida. Entre o final dos anos 1970 e início dos 1980, explodiu com uma trilha sonora autobiográfica do casal apaixonado, em que uma mulher pela primeira vez cantava sem pudor sobre desejos sexuais.

Em 1991, lançou o LP *Bossa'n'roll*, seu projeto financeiramente mais bem-sucedido. Mas chegou ao fundo do poço. Diante do ultimato de Roberto em relação a álcool e drogas, foi morar sozinha. Certo dia, de tão chapada, despencou da varanda, teve o maxilar esfacelado e perdeu 40% da audição do ouvido direito. Roberto cuidou de sua recuperação. Quando ela tirou os pontos e conseguiu cantar *Mania de Você*, ele a pediu em casamento. Na saúde e na doença, ainda enfrentariam muitas recaídas de Rita, até que ela decidiu ficar “careta” a partir do nascimento da primeira neta, em 2005. Após a aposentadoria dos palcos, em 2013, viveu com Roberto em uma casa de campo onde pintava, cozinhava, escrevia e cuidava dos bichos de estimação.

A ideia de se aposentar veio na turnê dos 45 anos de carreira, em 2012, que se encerraria em Aracaju. A despedida foi a sua cara. Ao ver policiais abordando pessoas da plateia que fumavam maconha, interrompeu o show: “Me dá esse baseadinho que eu vou fumar aqui e agora. Seus cafajestes FDP”. Foi detida. Com o incidente, uma nova despedida foi marcada para 2013, no Anhangabaú, em 25 de janeiro, aniversário de São Paulo. Nada mais justo que tenha sido na cidade onde nasceu e da qual, como cantou Caetano, Rita foi a mais completa tradução.